

A Igreja Católica, seus santos e pregadores na consolidação da língua italiana nos séculos XIV e XV

Jefferson Evaristo¹

Resumo: O cenário sociolinguístico e histórico italiano é um campo fértil de investigação, uma vez que os variados acontecimentos sócio-históricos e linguísticos que formaram o país hoje conhecido como Itália são bastante relevantes. Nossa discussão está centrada na hipótese de a unificação da língua italiana, datada no século XIX, ter sido influenciada por variados eventos de séculos antes, que foram fundamentais para o processo romântico do século XIX de criação de um país, uma nação e uma língua. Neste texto, de maneira especial, discorremos acerca de como o *fiorentino*, impulsionado pela ação da Igreja católica, de seus santos e pregadores vinha, desde o século XIV, o trecento italiano, despontado como língua de uso comum, quer escrita, quer falada, no território da península italiana. Assim, analisando de forma interdisciplinar esses aspectos, esperamos contribuir para a construção de um mosaico que permita, a partir de muitas peças pequenas – e às vezes desconsideradas ou esquecidas –, recontar a história da língua italiana pré-unida.

Palavras-chave: Língua Italiana; História da língua; Igreja Católica; Trecento italiano; Quattrocento italiano.

The Catholic Church, its saints and preachers in the consolidation of the Italian language in the 14th and 15th centuries

Abstract: The Italian sociolinguistic and historical scenario is a fertile field of investigation, since the varied socio-historical and linguistic events that formed the country known today as Italy are quite relevant. Our discussion is centered on the hypothesis that the unification of the Italian language, dating back to the 19th century, was influenced by various events from centuries before, which were fundamental to the 19th century romantic process of creating a country, a nation and a language. In this text, in a special way, we discuss how Fiorentino, driven by the action of the Catholic Church, its saints and preachers, had been, since the 14th century, Trecento Italian, emerging as a language of common use, whether written or spoken, in the territory of the Italian peninsula. Thus, by analyzing these aspects in an interdisciplinary way, we hope to contribute to the construction of a mosaic that allows, from many small – and sometimes disregarded or forgotten – pieces, to retell the history of the preunited Italian language.

Keywords: Italian language. History of the language. Catholic Church. Italian Trecento. Italian Quattrocento.

¹ Pós-doutor em Língua Portuguesa pela UPM (2023), doutor em Língua Portuguesa pela UERJ (2020) e doutor em Letras Neolatinas (língua italiana) pela UFRJ (2019). Professor de língua portuguesa na UERJ, atuando no PGLetras, no PPLIN/FFP e no PPGLILP. Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e Procientista da UERJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7561-5400>. E-mail: jeffersonpn@yahoo.com.br.

Introdução

O contexto histórico-linguístico do território que hoje conhecemos por “Itália” é um caso bastante singular no âmbito global, com um cenário de plurilinguismo que, ainda hoje, encontra poucos casos similares no mundo. Em uma região territorialmente pouco extensa, coexistiram e coexistem diversas línguas/dialetos² que foram mudando suas condições de status ao longo dos séculos.

Neste texto, parte de uma proposta maior de doutoramento desenvolvido na UFRJ, propomo-nos a discutir, de forma interdisciplinar, o contexto de consolidação da língua italiana standard, no século XIX, a partir de eventos pretéritos que, a nosso ver, foram sementes indiscutíveis para que, alguns séculos depois, pudesse haver uma língua comum no território italiano a ser chamada de “italiana”.

Nossa proposta é motivada, dentre outros fatores, pelo que Casini e Romanelli (2011) indicam a respeito da língua italiana no Brasil: os trabalhos são escassos, as pesquisas e pesquisadores contam-se nos dedos e há ainda muito a ser discutido e analisado sobre esse ponto, de modo que esta língua deixe de ser vista apenas como uma língua de cultura (Gonçalves, 2011) e possa ser vista como uma língua de estudos e de pesquisas acadêmicas.

Naturalmente, no contexto italiano, há já vários trabalhos acerca da história da língua, dos quais destacamos Migliorini (2016), Cella (2015), De Mauro (2011), Serianni (2011), Marazzini (1999), Lanuzza (1994), por exemplo; ainda assim, esses trabalhos abordam essa história nos sentidos morfológicos, sintáticos, lexicais e fonético/fonológicos da língua, em abordagens que privilegiam os aspectos gramaticais e dão pouca atenção aos aspectos sóciohistóricos e políticos. Assim, buscaremos compreender os meandros que fizeram o *volgare*

² Já em Evaristo (2019) trazíamos a complexidade de uso dos termos, mostrando que, de fato, usar um ou outro conceito, no Brasil, está mais ligado ao âmbito da ideologia e das políticas do que propriamente a uma dimensão linguística. Se Lagares (2011) e Bagno (2017; 2011), por exemplo, trarão argumentos contrários ao uso de dialetos, mostrando que o conceito é reducionista e preconceituoso, para autores no contexto italiano a diferença não existe ou, se existe, é ignorada, sendo o mais utilizado (Balboni, 2002), uma vez que dialeto é “qualquer forma de falar que não seja a língua italiana” (Bagno, 2011, p. 378). Aqui, para nos mantermos coerentes com os usos italianos, falaremos em dialetos, sem que isso traga uma carga semântica negativa para essas línguas.

*fiorentino*³, a língua vulgar florentina, se tornar, já nos séculos XIV e XV, o início de uma língua comum no território fragmentado e não unificado da época. É nesse sentido que nossa proposta caminha.

Nosso texto estará dividido da seguinte forma: na primeira parte, faremos uma breve contextualização de nosso cenário, dando a saber aos leitores acerca do *trecento*⁴ e *quattrocento* italianos; na sequência, abordaremos um aspecto pouco usual e abordado da história sociolinguística italiana, o papel da Igreja Católica e de seus pregadores e santos, com uma sequência para as mulheres e mosteiros; por fim, apontaremos algumas considerações para encerrar este texto.

Um pouco de contexto

Em ocasião anterior (Evaristo, 2024; 2019), vimos como o processo de consolidação da língua italiana deve muito de seu sucesso aos intelectuais e literatos humanistas, com especial destaque a Dante e Petrarca, assim como a outros fatores externos à língua, como a arquitetura das grandes cidades, a ampliação da atividade diplomática e a pujança econômica dos novos centros urbanos – que, como se pode ver, chegavam ao caso de fazerem as cidades menores tenderem a desaparecer (Migliorini, 2016, p. 223).

Esse processo social, político e econômico dava características próprias à disposição das línguas do território da então região itálica, influenciando – e, em certa medida, direcionando – o curso das mudanças linguísticas e das situações de contato linguístico. Começava um processo – ainda que bastante rudimentar – de homogeneização do *volgare fiorentino*, para o qual se buscava estabilidade e padronização linguística que pudesse torná-lo uma verdadeira língua de cultura⁵.

³ Neste texto, por falarmos de um contexto estrangeiro, optamos por manter as grafias originais de diversas palavras, a exemplo de *trecento*, *quattrocento*, *cinquecento*, *volgare*, *fiorentino*, *Firenze* e outras.

⁴ *Trecento* é a palavra italiana para o século XIV; *quattrocento* é a palavra italiana para o século XV; *cinquecento* é a palavra italiana para o século XVI.

⁵ A esse exemplo, é preciso invariavelmente recorrer a Dante e a toda a sua contribuição político-linguística (Evaristo, 2024).

Entretanto, essas iniciativas não estiveram restritas às situações de contato linguístico, como em *Firenze* (Cella, 2015), nem às de políticas linguísticas, como com os reis adotando o *volgare* ou as escolas ensinando, também o latim, a partir do *volgare* (Migliorini, 2016, p. 227228; Serianni, 2015, p. 62). Outros elementos foram relevantes para a construção de um cenário que é um verdadeiro quebra-cabeça, como a atuação dos pregadores da Igreja Católica.

Aqui, será necessário fazer uma digressão e discutir um ponto correlato: a correlação entre o *fiorentino* falado e o escrito, objetos diversos e particulares que convergem em determinado ponto da história linguística da Itália.

No *quattrocento*, o latim falado na península já tinha pouca relação com a sua “versão” escrita, conservada pela cultura e sustentada pelos grandes autores clássicos, como Virgílio, Horácio e Cícero. Era uma língua que já passava por intenso processo de vulgarização desde ainda o Império Romano⁶.

Assim, historiadores e linguistas defendem que, de fato, havia já muita variação linguística no Império Romano e que a suposta unidade da língua latina que sustentava o Império poderia não ser existente⁷, uma vez que diferentes línguas coexistiam no Império, como demonstram Janson (2015, p. 113-114) e Trifone (2010).

Era a emergência daquilo que se convencionou chamar de latim vulgar: “a variedade do latim chamada de latim vulgar é a língua do povo romano em geral” (Basso e Gonçalves, 2014, p. 42) e que concorria com o chamado latim clássico, a construção escrita literária empregada pelos grandes autores romanos, como os já citados Cícero e Virgílio.

Isso porque havia uma marcação explícita, na fala, da “origem” de onde o latim falado era observado. Assim, era possível perceber um latim militar ou um latim aristocrático, por exemplo.

Ou seja: já no Império Romano havia uma variedade escrita da língua latina, culta e erudita, reservada para os usos letrados e as construções literários, que concorria com uma

⁶ Um exemplo claro da questão é a existência do *Appendix Probi*, documento histórico que atesta variações reconhecidas na língua latina do Império Romano desde o século III a.C.

⁷ Em discussão concernente ao Império Romano e as suas influências para uma ideia posterior de unificação linguístico-territorial da Itália (Evaristo, 2021), defendemos que a língua era um fator de unidade fundamental para os romanos, chegando a firmar que o latim era a língua do Império. A premissa continua válida, embora aqui ela seja colocada sob outros prismas.

variedade falada do latim, habitual, não coincidente com a escrita, utilizada pelo povo nas mais diversas situações cotidianas.

Um aspecto da diversificação da sociedade romana é o aparecimento da literatura latina; durante muito tempo, os autores latinos procuraram pautar seus escritos pelo ideal da *urbanitas*, evitando formas ou expressões que conotassem arcaísmo ou provincianismo ou que lembrassem a educação precária das classes subalternas e do campo (*rusticitas*) (Ilari, 2018, p. 64)

Língua falada e língua escrita já não eram o mesmo objeto/processo, o que não deixa de ser uma constatação um tanto ou quanto óbvia. Essa visão corroboraria a diferenciação entre o latim clássico e o latim vulgar, uma vez que se tratavam de dois objetos/processos diferentes que, embora aproximados, não coincidiriam.

Demonstramos (Evaristo, 2021) como, embora impusessem a língua latina em todo o império, os romanos permitiam que as pessoas mantivessem seus hábitos e crenças originais, como no notório caso dos gregos, desde que esses costumes originais não entrassem em choque com o *modus romanum*. Quando se considera essa espécie de “permissão” e a extensão territorial do Império Romano, os dados

[...] nos mostram uma língua viva, muito frequentemente aberta às mudanças que ocorrem naturalmente nas línguas, especialmente em se tratando da língua de um império que se espalhou por regiões com substratos linguísticos bastante diferentes (Basso e Gonçalves, 2014, p. 43)

Na história da língua latina, esse fenômeno está na base do surgimento dos romances e, posteriormente, das línguas neolatinas. A questão, de fato, é mais complexa e, por não ser o objetivo de nossa discussão, não será assumida aqui. Manteremos o entendimento habitual de que a escrita seja outra forma de manifestação da oralidade, sendo as duas faces de uma mesma língua. Em nossa proposta, existiria uma língua X que se expressaria em uma variedade falada e em outra escrita, sem deixar de ser a mesma língua X.

Retornando ao ponto central da investigação, já em inícios do *quattrocento* os humanistas percebiam que o latim que se falava cotidianamente não era o mesmo latim que se utilizava na escrita.

Da dissolução da civilização latina e das suas instituições se salva a língua [falada], que para sobreviver se adapta, como qualquer organismo vivo, às condições mutantes. Ela muda com a mudança de ideias, de pensamento e de comportamento dos falantes. Não morre, mas se transforma, modulando-se em um código que, evoluindo e inovando, se tornará, nos séculos, muito diferente do latim⁸ (Lanuzza, 1994, p. 14).

Para os humanistas, no retorno ao latim – em detrimento do *volgare* – seria necessário considerar o latim clássico em uma espécie de diálogo com as mudanças de seu tempo. Inspiravam-se em Cícero, é verdade, mas faziam isso numa mistura consciente com o latim medieval de sua época. No confronto entre o latim escrito, clássico, e sua variedade vulgar, falada, os humanistas ficavam com um pouco de cada para si (Marazzini, 2012, p. 91).

Isso foi, ainda, um dos argumentos a explicar o que antecipamos em Evaristo (2019). Ao mesmo tempo em que depõem o *volgare* da cena linguística de seu tempo, os humanistas terminam por, indiretamente, reabilitá-lo; seu movimento de “atualizar” o latim clássico com características do latim vulgar permitiria a ascensão posterior do *volgare fiorentino*.

Esperamos que até esse momento esteja já posta a diferença entre a língua falada e a língua vulgar, no caso do latim, no *quattrocento*. Havia duas línguas, de fato: a escrita, chamada comumente de clássica, mantenedora do modelo dos renomados autores dos primeiros séculos; a falada, vulgarizada, adaptada aos menos letrados e às situações habituais da vida hodierna, uso que já não era perfeitamente possível ao latim clássico. No plano literário, os humanistas foram os primeiros a ensejar algum tipo de mudança que, *a priori*, não deixa de ser uma mudança motivada por contato linguístico: da mescla entre o latim clássico e o vulgar, emergiria o latim humanista⁹.

Dante, quase um século antes, já havia percebido o cenário, optando por não fazer essa mistura entre as variedades latinas e por defender o uso do *volgare* (Evaristo, 2024). Os humanistas, de certo modo, tentaram opor-se ao modelo dantesco e terminaram por aperfeiçoá-

⁸ “Dalla dissoluzione della civiltà latina e delle sue istituzioni si salva la lingua, che per sopravvivere s'adatta, come ogni organismo vitale, alle mutate condizioni. Essa cambia col cambiare delle idee, del pensiero, del comportamento dei parlanti. Non muore, ma si trasforma: modulandosi in un codice che, evolvendosi e innovando, diverrà nei secoli molto diverso dal latino” (tradução nossa).

⁹ Cella (2015, p. 46) apresenta ainda a visão de alguns autores que defenderão que houve a criação de um *volgare* humanista, criado por Petrarca e pela escola à qual pertencia. Aqui, defendemos que a proposta desses literatos não resultou na criação de uma língua de contato própria, mas sim na continuidade e, de certa forma, aperfeiçoamento da mesma proposta já iniciada em Dante.

lo. Entretanto, o modelo de Dante continuava a possuir um problema: era um uso exclusivamente literário.

A primeira proposta de uso do *volgare* num plano intelectual, realizada por Dante, era uma proposta de uso *escrito* do *volgare*. Dito de outra forma, Dante continuava a separar uma variedade clássica de uma vulgar também para o seu *volgare*, embora tentasse dar a ele uma tintura de *fiorentino*, sem diferenciar escrita e fala. A língua italiana que surgia era, como no modelo latino, uma língua já clássica, gestada na e pela intelectualidade.

Aqui, mais uma vez retoma-se o argumento de Evaristo (2021) relacionado às influências romanas no contexto da criação e unificação da língua italiana. O modelo italiano, sem margem de dúvidas, era uma tentativa de recriação daquilo que um dia havia sido o modelo latino. Se as motivações eram similares, os métodos e ações igualmente também o seriam.

Se o modelo latino possuía autores indiscutíveis como Horácio e Virgílio, era necessário que autores de mesma envergadura fossem encontrados na língua *volgare*. O próprio Dante seria um desses autores – e a percepção dele sobre ser um dos autores que estariam destinados a permanecer através dos tempos era uma tônica presente em seus escritos e obras.

Entretanto, não apenas Dante seria um desses grandes autores, mas outros que a ele se seguiram também estariam nesse rol, como Petrarca, Boccaccio e, em escala menor de influência, Sannazaro e Bembo, dentre outros. No plano da língua escrita, já havia autores a serem consagrados e que escreviam em *volgare*.

O cenário descrito, porém, apresenta um ponto de dificuldade: é uma possibilidade de expansão considerada apenas para a língua escrita, literária e erudita. Dante, por exemplo, era um escritor lido em outros locais da península itálica, mas não era um orador em regiões para além de *Firenze*. Dito de outra forma, a língua escrita de Dante atravessava as suas fronteiras, mas a sua língua falada não. Havia de haver outros indivíduos a fazerem a expansão da língua falada em *Firenze* para além de seus limites geográficos. É o ponto em que a Igreja Católica assume um papel importante como mais um dos elementos a possibilitar a expansão e a consolidação do modelo linguístico de *Firenze*, argumento em geral desconsiderado ou superficialmente tratado – quando tratado – quer seja pelos historiadores (Balbo, 2011; Beales e Biagini, 2005; Milza, 2005; Sabbatucci e Vidotto, 1994), quer seja pelos linguistas italianos (Cella, 2015, Serianni, 2015; De Mauro, 2011; Marazzini, 2012, Lanuzza, 1994).

O catolicismo e seus pregadores a serviço da unificação linguística

Vimos, na seção anterior, que a opção de Petrarca e dos humanistas em relação ao *volgare* era o de aproximá-lo do latim, quando necessário e possível, a fim de que com isso ele ganhasse padronização¹⁰. Assim, “a ‘latinização’ gráfica permitiu limitar as características linguísticas mais típicas do dialeto local e encontrar, graças ao atual modelo latino, uma forma expressiva comum a diferentes regiões, mesmo distantes umas das outras¹¹” (Cella, 2015, p. 40). Permitia, além disso, a padronização necessária para que o *volgare* pudesse ser usado pelos literatos e pudesse servir para a alta cultura e a erudição.

Acontece, porém, que também a língua falada precisava poder ser utilizada em contextos mais formais e padronizados de uso. Sem esse uso, o *volgare* estaria fadado a não poder ser aceito pela sociedade da época. Se nos contextos administrativos o latim era a língua de uso, nas atividades cotidianas era o *fiorentino* quem assumia o papel de língua de comunicação, inicialmente em *Firenze* e posteriormente nos demais reinos da península.

Já defendemos (Evaristo, 2019) que a atividade comercial intensa foi um importante fator para o crescimento de *Firenze* como uma cidade cosmopolita. Muitos indivíduos, de diversas partes da península e de fora da Itália, acorriam à cidade, sendo necessário, portanto, que pudessem se comunicar. Ao mesmo tempo, de forma geral, a religião da sociedade era apenas uma, fosse na Itália, fosse fora da Itália¹².

Mais do que isso: a religião era única e era, efetivamente, de importância na vida dos homens da época. Teocêntrica, a sociedade medieval dedicava à religião católica parcela significativa de sua vida. Isso significa dizer que, nesse movimento dos homens pelos territórios, era necessário poder participar da liturgia católica de maneira compreensível. Ao mesmo tempo, era necessário aos padres, pregadores e religiosos de forma geral poder dialogar

¹⁰ Que será levada a seu ponto mais relevante a partir da invenção da imprensa (Evaristo, 2019).

¹¹ “La ‘latinizzazione’ grafica permise di limitare i tratti linguistici più tipici della parlate locale, e di trovare, proprio grazie all’onnipresente modello latino, una forma espressiva che fosse comune a regioni diverse, anche distanti tra loro” (tradução nossa)

¹² Havia, naturalmente, expressões religiosas de menor alcance e aceitação restrita. O que colocamos aqui é a universalização do catolicismo, fato indubitável para a sociedade medieval ocidental.

com todos os indivíduos, posto que o catolicismo foi, desde sempre, uma religião de transmissão fundamentalmente oral, dependente dos sermões e das homilias¹³ para atingir o povo.

Apenas como exemplo, São João Batista, de quem o próprio Cristo dizia ser o maior homem nascido de mulher (Lc, 7, 28¹⁴), uma das figuras mais proeminentes do catolicismo, era um pregador. De fato, a transmissão oral estava na base da própria constituição do catolicismo. As palavras finais de Jesus Cristo, no Evangelho de São Marcos, indicam Jesus pedindo a seus discípulos: “Ide por todo mundo, proclamai o evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15¹⁵), com a sequência dos livros sacros indicando inúmeros exemplos da pregação dos apóstolos e primeiros discípulos. Doutrinariamente, o catolicismo se fundará, ainda, sob três pilares: as Escrituras Sagradas (bíblia), o Magistério (a ação da hierarquia católica) e a Tradição – tudo aquilo que foi legado pelos católicos que nos antecederam e que, mesmo não estando escrito, não deixa de ser “regra” e fundamento a ser seguido; em outras palavras, toda a tradição oral da pregação e dos costumes passados oralmente.

Dessa fundamentação na oralidade da Igreja Católica, surgiria um fator de difusão do *volgare fiorentino* que não pode deixar de ser observado. Se a pregação católica deveria atingir a todas as pessoas – afinal, o mandato de Jesus Cristo dizia “a toda criatura” – em todo o mundo, era necessário conseguir que elas entendessem os pregadores. Ao mesmo tempo, uma vez feito o anúncio, era necessário que ele fosse aprofundado e mantido. Qualquer que fosse o cenário, a utilização da língua oral seria o recurso necessário à Igreja.

Era “a ação da Igreja em favor do italiano¹⁵, mesmo que não intencionalmente”¹⁶ (Serianni, 2015, p. 158), que o ajudava a ser expandido para fora de *Firenze*. Some-se a isso o alcance cada vez maior do toscano e o seu cenário de expansão começa a se delinear, aproximadamente, 400 anos antes do processo de unificação linguística do Estado-nação Itália.

¹³ O que não exclui, naturalmente, a importância do texto escrito. Entretanto, a transmissão oral era a mais importante porque, também, os homens em geral tinham pouca ou nenhuma escolarização.

¹⁴ Bíblia (2013).

¹⁵ Bíblia (2013).

¹⁵ O autor utiliza “italiano” da mesma forma que aqui, habitualmente, utilizamos “volgare”, “fiorentino”, “toscano” ou “língua italiana standard”.

¹⁶ “l'azione della Chiesa in favore dell'italiano, anche se preterintenzionale” (tradução nossa)
SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN
Faculdade de Formação de Professores da UERJ Número
51 (jan.-abril. 2025) - ISSN: 2316-8838
DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2025.89779>

Dito de outra forma, é como se a Igreja tivesse tido o papel de propagar o italiano falado, enquanto os literatos tiveram o papel de propagar o italiano escrito.

Nos séculos passados, essa função de "emissora linguística" foi, de fato, realizada pela Igreja Católica. É claro que não está em jogo uma política linguística específica: a Igreja sempre esteve muito atenta à linguagem a ser utilizada na comunicação com os fiéis, com o objetivo, no entanto, não de difundir o *volgare* e, posteriormente, o italiano, mas para manter firmemente os laços de fé¹⁷ (Serianni, 2015, p. 158).

Mesmo com os literatos humanistas, que pregavam uma separação da vida dos homens da imagem divina, a Igreja não perdia espaço como as obras desses autores poderiam sugerir. De fato, a Igreja passava por uma sucessão de crises já desde, pelo menos, o século XII, culminando, como os historiadores defendem, em “um século de caos” (Daniel-Rops, 1996, p. 65¹⁸) para o período entre meados do *trecento* e meados do *quattrocento*. Tamanha era a profusão de problemas que a Igreja enfrentava, em diversos âmbitos, para se manter firme e sustentada, que parecia não haver saída para sua crise.

Parte desses problemas era causada pela própria mudança social, econômica e política de fins da Idade Média. Os homens, outrora fortemente dependentes de Deus e de sua providência, passam a se sentir mais donos de si à medida em que essas mudanças vão se somando. A ascensão da burguesia, por exemplo, deslocava o sentido da vida de Deus para colocá-lo no dinheiro, na riqueza material e no progresso pessoal. Pouco a pouco, as mudanças se avolumavam.

Entretanto, defendemos, os processos sócio-históricos são sempre mais complexos do que aparentam superficialmente. A crise da Igreja, a que os historiadores se referem (Aquino, 2016; Daniel-Rops, 2014; 1996; Hertling, 1989) era superada por um movimento duplo dos pregadores e dos santos da época, dos quais falaremos mais adiante. Por ora, basta considerar que, mesmo em meio à crise, mesmo sendo uma voz contrária à Igreja e mesmo sendo um dos

¹⁷ “Nei secoli passati questa funzione di "emittente linguistica" era di fatto svolta dalla Chiesa cattolica. Non è in gioco, beninteso, una specifica politica linguistica: la Chiesa è sempre stata molto attenta alla lingua da adoperare nella comunicazione con i fedeli, con l'obiettivo, tuttavia, non di diffondere i volgari e, successivamente, l'italiano, bensì di mantenere saldi i legami della fede” (tradução nossa)

¹⁸ Embora a citação precisa da frase esteja na página 65, a exposição do autor se estende até a página 70.

precursores da defesa da soberania do rei e dos homens em detrimento do poder da Igreja, Dante Alighieri (1986), por exemplo, será um homem profundamente marcado pelo sentido religioso.

O marco histórico dentro do qual se desenrola a prodigiosa aventura [, a Divina Comédia,] não é senão o da sociedade cuja experiência o poeta possuía: a *Cristandade*. Os acontecimentos a que se refere são os da história cristã, e os protagonistas de sua fantástica epopeia são os homens que desempenharam um papel na história do Ocidente cristão. Os problemas cuja solução procura apaixonadamente são aqueles que a cristandade enfrentara com angústia. O ideal que ele serve não é outro senão o dos papas reformadores, dos santos, dos cruzados e dos mestres do pensamento, o ideal de uma ordem hierárquica que corresponderia na terra às perfeitas harmonias do céu (Daniel-Rops, 2014, p. 674).

Ou seja: a crítica à Igreja dizia respeito mais à vida pública dos autores do que à vida pessoal e/ou literária, por assim dizer. A esse respeito, Dante, certamente, não é um caso isolado: também os literatos humanistas terão similar atitude. “Por isso, entre eles, até os descrentes ficaram fieis à Igreja” (Carpeaux, 2012b, p. 39), num complexo movimento de “sair permanecendo” da tutela da Igreja, de criticá-la de dia para estar na Missa à noite. Era a época das grandes catedrais (Daniel-Rops, 2014), do desenvolvimento da arte do Renascimento, da produção artístico-intelectual mais marcante do *medievo* europeu.

Se admitirmos que a arte fornece um critério quase infalível para apreciar o espírito de uma época, será suficiente olhar para as obras do gótico, escultura e arquitetura, para perceber quão profundos e vívidos eram os valores religiosos em amplas camadas. da humanidade de então¹⁹ (Hertling, 1989, p. 282)

A Igreja, por sua vez, de maneira mais paradoxal, crescia em poder e prestígio, amparada pelo poder dos reis da época, numa simbiose complexa: a Igreja dava sua aceitação ao poder dos reis e os abençoava, ao passo em que esses mesmos reis protegiam e sustentavam a posição

¹⁹ “Si admitimos que el arte proporciona un criterio casi infalible para apreciar el espíritu de una época, nos bastará dar una ojeada a las obras del gótico, la escultura y la arquitectura , para darnos cuenta de cuán profundos y vivos estaban los valores religiosos en amplias capas de la humanidad de entonces” (tradução nossa)

da Igreja²⁰. Outros reis, entretanto, começavam a se rebelar contra a Igreja (Aquino, 2016, p. 405-409)²¹. Era uma Igreja em crise, certamente, mas era também uma Igreja que sabia fazer de suas crises motor de impulso.

Retornemos o argumento ao papel dos pregadores. Diversos eram os homens – e mulheres, como veremos – da Igreja Católica que se dedicavam à pregação do Evangelho. Argumentamos a necessidade da transmissão oral na ação da Igreja Católica e seu papel, desde ainda a figura de Cristo, na expansão da doutrina religiosa. Homilias e sermões em praça pública, por exemplo, eram atividades cotidianas, às quais todos os homens medievais estavam acostumados. Entretanto, como argumento relevante para nossa investigação, é necessário fazer uma pergunta: em qual língua essas pregações aconteciam?

Certamente, não mais o latim, uma vez que o processo de erosão e fragmentação do latim vulgar em outras línguas geográficas já havia há séculos se iniciado. Se o latim possuía primazia escrita, na vida hodierna, certamente, ele não gozava de tamanho prestígio.

Na Igreja, então, era possível encontrar uma situação um tanto ou quanto parecida. Na liturgia, de fato, o latim reinava soberano e absoluto, da mesma forma que reinava na literatura antes do *trecento*. Não havia, por exemplo, celebrações ou documentos que não fossem em latim²². Mas, se não havia documentos em *volgare*, as pregações seguiriam um caminho diverso. “Na Itália Setentrional²³, na segunda metade do *quattrocento*, encontramos alguns pregadores (como Bernardino da Feltre²⁴) que se expressam numa língua em que o latim e o volgare se

²⁰ Ademais pequenos episódios, será com a Reforma Protestante que haverá o primeiro movimento de separação entre a Igreja e o Estado.

²¹ Novamente, será dessas rebeliões que surgirá o contexto e a força para que a Reforma Protestante pudesse acontecer.

²² Como esclarecimento, para que não se confunda: por exemplo, a liturgia da Missa era feita completamente em latim, ainda que fosse possível ter uma homilia em algum dialeto. Os textos sacros, da mesma forma, eram em latim.

²³ Uma das formas de se referir ao norte da Itália. O termo agrupa as regiões de Emilia-Romagna, Friuli-Venezia Giulia, Liguria, Lombardia, Piemonte, Trentino-Alto Adige, Valle d'Aosta e Veneto.

²⁴ Também conhecido como Bernardino de Siena. O pregador, depois, seria elevado à dignidade de santo da Igreja Católica.

misturam de modo a recordar a língua macarrônica²⁵” (Marazzini, 2012, p. 94) também praticada pelos humanistas.

E essa era, de fato, a tônica das pregações do período. Perceba-se que a pregação de Bernardino começa no norte da Itália, fora dos domínios da Toscana, local em que o *volgare fiorentino* convivia com outros *volgares* e onde havia, por exemplo, Piemonte. Essa cidade, por sua característica geográfica montanhosa, era de acesso mais difícil, permanecendo por mais tempo “afastada” das grandes mudanças por que a península passava. Ali, por exemplo, a ocorrência do *volgare* era mais reduzida, assim como a publicação de obras impressas, como veremos no capítulo seguinte. Vejamos um exemplo da pregação de Bernardino da Feltre:

*“Pauperes in mundo ab omnibus sono scazati e refutati etc. Item in magnis curtibus, si gallina vadit in pallatium vel cameram domini: Dond’è venuta questa gallina? caza, caza, etc. O povera galinetta, quottidie facit ovum et è scazata etc”*²⁶.

O trecho acima aponta, textualmente, como a mistura entre o latim e o *volgare* era uma realidade da pregação da Igreja. Grifamos em negrito as partes em que o *volgare* pode ser identificado, em concorrência simultânea com o latim. O *quattrocento*, nesse sentido, é a maior expressão de contato linguístico do período que aqui investigamos, com inúmeros exemplos similares.

Como os humanistas, quando os pregadores precisavam criar, formalizar ou padronizar uma palavra, a latinização era a saída possível. Naturalmente, com eles, esse uso não se dedicava à expressão artística, como com os literatos, mas ao uso habitual e formal das pregações religiosas. Assim, num processo que pode ser dito como de transição do latim ao *volgare*, o contato linguístico foi a regra do período²⁷.

²⁵ “Nell'Italia settentrionale, nella seconda metà del quattrocento, troviamo alcuni predicatori (come Bernardino da Feltre) che si esprimono con un linguaggio in cui il latino e il volgare si mescolano in modo tale da ricordare il linguaggio macaronico.” (tradução nossa)

²⁶ Marazzini (2004). Disponível em <http://www.sagarana.it/rivista/numero17/ibridazioni5.html> - acesso em 16/02/2025 às 16h36

²⁷ Marazzini (2012, p. 103-104), por exemplo, chega a falar em uma *koiné volgare*, uma espécie de língua franca de uso ampliado em toda a península itálica. Trifone (2006, p. 22), por sua vez, fala em um *pidgin* ou uma língua mista.

Bernardino da Feltre seria conhecido, posteriormente, como Bernardino de Siena, uma vez que dedicou muito de sua vida religiosa àquela cidade²⁸. Nascido em Grosseto, uma cidade da Toscana, tendo vivido no norte da Itália e tendo atuado como religioso em Siena, Bernardino é o exemplo claro de como os pregadores católicos do período precisavam ser compreendidos em diferentes locais por falantes de diferentes línguas. Era “um dos expoentes máximos da Ordem franciscana no século XV” (Evangelisti, 2015, p. 81), figura pública da sociedade italiana, respeitado pelo povo, pelo clero e pelos monarcas. Suas pregações eram ouvidas por milhares nas ruas²⁹.

Ou seja, era um movimento “que notamos em numerosos sermões das últimas décadas do século. Juntamente com sermões em latim e sermões em volgare, temos muitos em que o latim e o volgare são misturados”³⁰ (Migliorini, 2016, p. 237). Igreja católica e literatos humanistas tinham, então, mais pontos em comum do que poderiam supor.

Essa é uma aproximação, de fato, inusitada, posto que em princípio os humanistas queriam se afastar da Igreja Católica, de sua influência e preceitos. No fim, colaboravam, os dois, para a expansão do italiano. De fato, seria possível afirmar que o *volgare*, toscano ou *fiorentino* poderia, já ali no *quattrocento*, ser chamado de língua nacional da Itália. “A língua pré-escolhida, uma vez tomada como uma língua nacional, se espalhou para todas as regiões e todas as classes sociais. Entre o *trecento* e o *cinquecento*, também na Itália havia uma língua nacional: o toscano ou, mais precisamente, o fiorentino”³² (De Mauro, 2011, p. 25).

É claro que a designação de língua nacional é um evento datado do século XIX, fruto das mudanças românticas e do surgimento dos Estados-nação europeus (Anderson, 2008). Não somos ignorantes a esse fato. Entretanto, nossos indícios nos permitem antecipar que o fenômeno que descrevemos na península itálica aproximadamente 500 anos antes do século

²⁸ “Bernardino prega mais de quarenta sermões naquele 1427 num lugar bem preciso: a Piazza del Campo di Siena” (Evangelisti, 2015, p. 90). Se considerarmos um ano com 52 semanas, praticamente em todos os domingos havia uma pregação pública de Bernardino di Siena.

²⁹ Evangelisti (2015) cita inúmeros trechos dessas pregações, apontando as referências bibliográficas de seus sermões preservados por escrito. Na impossibilidade de referirmo-nos a todos, indicamos a leitura no original.

³⁰ “che notiamo in numerose prediche degli ultimi decenni del secolo. Accanto a sermoni in latino e a sermoni in volgare ne abbiamo molti in cui il latino e il volgare si mescolano” (tradução nossa) ³² “l’idioma prescelto, una volta assunto a lingua nazionale, si diffondesse in tutte le regioni e in tutti i ceti sociali. Fra il Trecento e il Cinquecento anche in Italia si ebbe una lingua nazionale: il Toscano, o più esattamente, il fiorentino.” (tradução nossa)

XIX já representaria o indício de algo que seria posteriormente nomeado. Dito de outra forma, não é que o século XIX tenha inventado a língua italiana; ele apenas a nomeou. Aqui, entretanto, continuaremos a nomeá-la de *volgare*, toscano ou *fiorentino*, em conformidade com a nomenclatura da época e com o uso que estamos fazendo.

Mulheres e mosteiros

A Igreja Católica, era, como vimos, um importante auxílio para a língua italiana. Seus pregadores foram fundamentais para que o *fiorentino* pudesse ser levado para fora dos limites da Toscana. Bernardino di Siena não seria o único desses pregadores. A ele, por exemplo, seguiram-se inúmeros outros religiosos das ordens mendicantes (Daniel-Rops, 1996, p. 138): franciscanos e dominicanos eram conhecidos aos montes em toda a Europa, ocupando postos de destaque nas universidades, cátedras, catedrais e concílios. Circulavam em toda a península, pregando, evangelizando e ensinando a doutrina católica.

Muitas mulheres, igualmente, concorriam como elementos de auxílio na composição do cenário. Era o século dos grandes místicos da Igreja, reformadores, e fundadores de ordens (Aquino, 2016, p. 401-411), em grande parte femininas. Mulheres como Santa Rita de Cássia, Santa Catarina de Bolonha, Santa Inês de Montepulciano, Santa Chiara Gambacorti e Santa Catarina de Gênova eram religiosas que exerciam os ofícios de pregadoras, fundavam mosteiros e conventos, ganhavam fama e faziam com que as gentes acorressem para os locais em que estavam. Se não estavam em praça pública, já que suas vocações religiosas eram contemplativas e de clausura, as praças públicas iriam a elas.

À exceção de Santa Rita, que era agostiniana, todas as outras eram monjas franciscanas ou dominicanas; todas tiveram experiências místicas e todas fundaram, reformularam ou reformaram conventos e mosteiros. A presença feminina na vida da Igreja da época era marcante; em direção a ela os homens rumavam, buscando conselhos, orações, milagres ou palavras de conforto. De dentro de seus claustros, também essas mulheres cooperavam indiretamente para o *volgare*, posto que nele se comunicavam com os diferentes católicos que chegavam, de diferentes regiões, buscando-as. Hertling (1989, p. 283) observa como, de fato, o período foi marcado pela canonização de inúmeras mulheres, uma prática até então não tão

recorrente. O *quattrocento* seria marcado por uma profusão de santos e santas católicas, com quase todos eles cooperando para a expansão do *fiorentino* falado para além do território da Toscana. Se cooperavam em vida através de sua ação religiosa, continuariam a cooperar em morte, elevados à dignidade dos altares e passando a serem homens e mulheres de devoção para os católicos. Assim, seus feitos, escritos e pregações continuavam a serem consumidos pelo povo, comentados e, posteriormente com a imprensa, publicados, num movimento que deixava o *volgare* sempre vivo, útil e frequente na vida dos homens da época.

A ação dos religiosos seria, como defendemos, de favorecimento indireto ao *volgare*, uma vez que tinham por princípio motivador a ação da Igreja. Quer seja de maneira direta, quer seja de maneira indireta, foram eles os responsáveis do período por fazer do *fiorentino* uma língua não apenas escrita, mas também falada³¹.

“Em suma, numa sociedade habitualmente imersa no dialeto, nas igrejas circulava, além do latim da liturgia, o italiano”³² (Serianni, 2015, p. 159). Era a habilitação social do *fiorentino* para situações formais de uso, movimento também adotado pela administração pública, os reis, a corte e a diplomacia (Evaristo, 2019).

A italoфонia da classe dominante encontrava apoio no clero: os religiosos de cada região imigraram para Roma e constituíam uma porcentagem considerável da população, contando-se aproximadamente um religioso a cada 25 habitantes. (...) No clero, reproduzia-se em dimensões maiores o que acontecia na administração pública; e do clero e da administração pública irradiava a língua italiana para a população, tanto pelo efeito direto da imitação como pelo canal mais qualificado de educação escolar³⁵ (De Mauro, 2011, p. 25-26)

Tudo isso dava ao *volgare* um prestígio social fora de *Firenze*, demonstrando como seu alcance ampliava-se a cada dia (Serianni, 2015, p. 105-106). A Igreja tinha ainda uma forte

³¹ Ainda que, como vimos antes, a atuação comercial e política de *Firenze* tenha também colaborado ou que, como mostrado em Evaristo (2019), a imprensa tenha dado novo impulso.

³² “Insomma, in una società abitualmente immersa nel dialetto, nelle chiese circolava, oltre al latino della liturgia, l’italiano” (tradução nossa) ³⁵ “L’italofonia della classe dirigente trovava appoggio in quella del clero: religiosi de ogni regione immigravano a Roma e costituivano una percentuale notevole della popolazione, essendovi all’incirca un religioso ogni venticinque abitanti. (...) Nel clero si riproduceva in più ampie dimensioni quanto avveniva nella curia; e da clero e curia l’italofonia irraggiava sulla popolazione sia per diretto effetto di imitazione sia attraverso il più qualificato canale dell’istruzione scolastica” (tradução nossa).

presença e poder na sociedade; seus usos pessoais eram usos legitimados e, em certa medida, incentivados. O que os homens e mulheres da Igreja faziam representava, num microuniverso, aquilo que os homens e mulheres da sociedade em geral também fariam ou, ao menos, quereriam fazer.

De fato, a Igreja Católica foi de influência fundamental para a consolidação do *volgare* falado no *quattrocento*. Não restam dúvidas de sua importância, como afirma Migliorini, falando a respeito da mistura no ambiente eclesiástico entre o latim e o *fiorentino*:

[...] até que ponto essa mistura corresponde ao uso real? Se tivéssemos apenas um ou dois exemplos isolados, poderíamos interpretá-los como um acidente ocorrido na transmissão. Podemos, portanto, assumir que os sermões foram realmente feitos em *volgare* e depois coletados por meio de um tipo de copiator³³ (Migliorini, 2016, p. 238).

Gabriele Bareleta, Cherubino da Spoleto, Giovanni della'Aquila, o já citado Berardino di Siena, além das também citadas santas religiosas são apenas alguns dos exemplos de como as pregações religiosas da época eram realizadas em *volgare* ou, ao menos, em uma mistura entre ele e o latim³⁴. Se considerarmos que o *volgare* ainda não tinha total prestígio, mas que começava a se firmar, o papel da Igreja Católica demonstra-se ainda mais relevante para a compreensão dos acontecimentos que permitiram ao *fiorentino* ser assumido, tão rapidamente, em uma região ampla³⁵ e perpassada por diferentes outros idiomas já desde o período romano³⁶.

³³ “Fino a che punto questa miscela corrispondeva a un uso effettivo? Se avessimo solo uno o due esempi isolati potremmo interpretarli come un accidente sopravvenuto nella trasmissione. Potremmo cioè ritenere che le prediche fossero effettivamente fatte in *volgare*, e poi raccolte per mezzo d'una specie di tachigrafia”

³⁴ Migliorini (2016, p. 237) defenderá, ainda, que a aparente mistura entre o latim e o *volgare* nas pregações não seja fruto de uma real mistura na origem das pregações, mas que seja fruto do processo de latinização e de aproximação com o latim por parte de quem copiava as pregações. A teoria corroboraria a decisão dos literatos e gramáticos, mas traria um novo elemento ao cenário de contato linguístico, aproximando-o da noção de *Koiné volgare* defendida por Marazzini (2012, p. 103-104) ou da de *pidgin* ou língua mista defendida por Trifone (2006, p. 22).

³⁵ De Mauro (2011, p. 17) vai indicar que uma tal variedade linguística só seria encontrada, em situações mais ou menos similares, na Índia, embora esta tenha um território quatorze vezes maior do que a Itália. Não é possível afirmar se o autor desconhece ou desconsidera outros dados, mas o continente africano é também uma região de incontáveis línguas em concorrência. O Brasil, da mesma forma, seja no período indígena, seja no período de imigração escrava, igualmente o foi, apenas para citar alguns exemplos. A respeito da situação linguística brasileira, sugerimos a leitura dos dois volumes organizados por Lima e Carmo (2014; 2008).

³⁶ Trifone (2006, p. 18) demonstra, recordemos, como o Império Romano era, também, uma miríade de línguas, ainda que ali o latim fosse soberano por motivos políticos, econômicos e militares. Variedade locais, idiomas

O *fiorentino* ganhava autonomia, afirmação, importância e prestígio social.

A afirmação da autonomia do *volgare* reflete, antes, o "tomada de consciência" de todo um complexo de fatores políticos, sociais e culturais que impuseram a adoção, em concorrência com o *latim*, de um instrumento linguístico adicional adequado. Entre esses fatores, um lugar de destaque pertence ao cristianismo, que modificou a hierarquia das variedades justapondo à língua dos clássicos modelos mais próximos da fala³⁷ (Trifone, 2006, p. 19-20).

Estava posto o *collante della lingua*, defendido por Trifone (2006): uma língua de uso não apenas literário e erudito, mas também comum e ordinário.

Considerações finais

A proposta deste texto foi, antes de tudo, uma inquietação particular em relação a um aspecto da língua italiana que, já desde a graduação, chamava nossa atenção. Como estudantes e pesquisadores, líamos linguistas, sociolinguistas e historiadores e percebíamos uma lacuna no assunto que parecia maior a cada nova leitura. Sabíamos que a língua não era apenas seus elementos gramaticais, mas não encontrávamos onde ler e aprender de uma forma diferente. Dali, surgiu a necessidade – porque a pesquisa foi, antes de tudo, uma necessidade – da tese de doutorado.

Após traçarmos esse percurso, feita a exposição anterior nestas páginas, podemos dizer efetivamente que, se existe uma “História Linguística da Itália Unida” (De Mauro, 2011), podemos dizer que houve também uma “História linguística da Itália Pré-Unida”, que estamos dando a conhecer desde 2019 em tese, artigos, capítulos, palestras e apresentações diversas.

Ao findar este texto, esperamos que os leitores possam encontrar não apenas um material factual para comprovações ou curiosidades, mas que encontrem, acima de tudo, uma forma de olhar para as línguas e possam, nos seus mais variados contextos, buscar analisar seus corpora

celtas, nórdicos, messápios e fenícios eram encontrados em Roma, com muitos exemplos arqueológicos e filológicos já desde o século III a.C.

³⁷ “L'affermazione dell'autonomia del volgare riflette piuttosto la "presa di atto" di tutto un complesso di fattori politici, sociali e culturali che imponevano l'adozione, in concorrenza con il latino, di un ulteriore adeguato strumento linguistico. Fra tali fattori, un posto di rilievo spetta all'ideologia del Cristianesimo, che modificò la gerarchia delle varietà antepoendo alla lingua dei classici modelli più vicini al parlato” (tradução nossa)

a partir de pontos não explorados como o que fizemos. Se isso acontecer, então poderemos dizer que este texto cumpriu seu papel.

Referências

- ALIGHIERI, Dante. *De vulgari eloquentia*. Torino: UTET, 1986.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. *História da Igreja – Idade Média*. Lorena/SP: Cléofas, 2016.
- BAGNO, Marcos de A. *Dicionário Crítico de Sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2017
- BAGNO, Marcos de A. O que é uma língua? Imaginário, Ciência e Hipóstase. In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (orgs.). 2011. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BALBO, Cesare. *Storia d'Italia e altri scritti*. Torino: UTET Libreria, 2011.
- BALBONI, P. E. *Le sfide di Babele. Insegnare le lingue nelle società complesse*. UTET Libreria. Itália, Torino: 2002.
- BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *História concisa da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- BEALES, Derek; BIAGINI, Eugenio F. *Il Risorgimento e L'Unificazione dell'Italia*. Bologna: Il Mulino, 2005
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2013.
- CARPEAUX, Otto Maria. *A Idade Média por Carpeaux*. Rio de Janeiro: Leya, 2012
- CASINI, M. C.; ROMANELLI, Sergio. *Italianistica in Brasile: ricerca di prospettive e prospettive di ricerca*. In.It, v. 27, p. 16-21, 2011.
- CELLA, Roberto. *Storia dell'italiano*. Il Mulino: Bologna/Italia, 2015.
- DE MAURO, Tullio. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Bari: Laterza, 2011.
- DANIEL-ROPS. *A Igreja das catedrais e das cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 2014
- DANIEL-ROPS. *A Igreja da Renascença e da Reforma (I)*. São Paulo: Quadrante, 1996

EVANGELISTI, Paolo. “Dunque non sognate, fate fatti non solo parole”: Bernardino de Siena e a proposta franciscana de uma religião civil. *Revista Varia História*, Belo Horizonte, v. 31, n. 55, p. 81-125, abr. 2015

EVARISTO, Jefferson. Contato linguístico da região itálica dos séculos XII e XIV: Dante

Alighieri por um projeto de língua italiana. In: Leandra Cristina de Oliveira; Wagner Monteiro. (Org.). *A variação linguística em debate: diálogos multidisciplinares*. 1ed. Campinas-SP: Pontes, 2024, v. 1, p. 241-262

EVARISTO, Jefferson. Origens remotas da unificação da língua italiana: qual a influência da experiência com a língua latina? *MEDIEVALIS*, v. 10, p. 163-179, 2021

EVARISTO, Jefferson. *Do trecento ao cinquecento: história da língua italiana na perspectiva do contato e das políticas linguísticas*. 30/08/2019 183 f. Doutorado em LETRAS

NEOLATINAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras

GONÇALVES, Patrícia A. De babel a pandora: crise, cultura e identidade no multilinguismo italiano. In: XÓAN Lagares; MARCOS Bagno. (Org.). *Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011

HERTLING, Ludwig. *Historia de la Iglesia*. Barcelona: Editorial Herder, 1989 ILARI,

Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Contexto, 2018.

JANSON, Tore. *A história das línguas: uma introdução*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LAGARES, Xoán C. Continuidades e rupturas linguísticas na Península Ibérica. *Revista da ABRALIN*, v. Espec., p. 123-151, 2011.

Recebido em: 17/02/2025

Aceito em: 18/02/2025